

SOBRE O CONHECIMENTO EM FARIAS BRITO E A DECADÊNCIA DA INTELLECTUALIDADE**ON THE KNOWLEDGE IN FARIAS BRITO AND THE DECADENCE OF INTELLECTUALITY****SOBRE EL CONOCIMIENTO EN FARIAS BRITO Y LA DECADENCIA DE LA INTELLECTUALIDAD**

Emival Tibúrcio Silva¹
Gabriel Kafure da Rocha²

RESUMO

Este artigo se propõe a analisar uma problemática amiúde vista no cenário educacional atual, qual seja, a considerável queda nos níveis da intelectualidade dentro das universidades, reflexo de uma cultura cujo sistema universitário precário apenas reforça a tendência mercantilista e bancária da educação, preparando não seres humanos autônomos e sábios, como quis Kant e os filósofos antigos, mas modelando, quando não profissionais despreparados para o campo em que vão atuar, ideólogos de causas partidárias, movimentos sociais “e apenas”. Utilizaremos como fundamento de nossa crítica uma parte do “Ensaio Sobre o Conhecimento”, do filósofo cearense Raimundo de Farias Brito, para embasarmos a defesa daquilo que a filosofia sempre almejou e buscou: O conhecimento da verdade!

Palavras-chave: educação; filosofia; conhecimento; Farias Brito.

ABSTRACT

This article proposes to analyze a problem often seen in the current educational scenario, namely, the considerable drop in the levels of intellectuality within universities, a reflection of a culture whose precarious university system only reinforces the mercantilist and banking trend of education, preparing not autonomous and wise human beings, as Kant and the ancient philosophers wished, but modeling, if not professionals unprepared for the field in which they will work, then ideologues of partisan causes, social movements 'and merely so'. We will use as the foundation of our critique a part of the 'Essay on Knowledge' (Ensaio Sobre o Conhecimento), by the philosopher from Ceará, Raimundo de Farias Brito, to base our defense of what philosophy has always aimed for and sought: The knowledge of truth!

Keywords: education; philosophy; knowledge; Farias Brito

RESUMEN

¹ Graduando em Filosofia pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano (IF-SERTÃO) e bolsista de Iniciação tecnológica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-4003-0638>
Lattes: E-mail: emivalsilvaoficial1@gmail.com

² Pós-doutor em Filosofia no PPG Sociedade, Cultura e Fronteiras da Unioeste (2022) e doutor em filosofia pela UFRN (2020). Professor efetivo do Instituto Federal do Sertão Pernambucano em Petrolina - PE, Campus Zona Rural e Docente Permanente nos PPGs Mestrado Profissional em Filosofia do IF-Sertão e no PPGFIL UECE. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7088-6239> Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7624664009024455> E-mail: gabriel.rocha@ifsertao-pe.edu.br

Este artículo se propone analizar una problemática a menudo vista en el escenario educativo actual, a saber, la considerable caída en los niveles de intelectualidad dentro de las universidades, reflejo de una cultura cuyo sistema universitario precario solo refuerza la tendencia mercantilista y bancaria de la educación, preparando no seres humanos autónomos y sabios, como quisieron Kant y los filósofos antiguos, sino modelando, si no profesionales poco preparados para el campo en el que van a actuar, ideólogos de causas partidistas, movimientos sociales 'y solo eso'. Utilizaremos como fundamento de nuestra crítica una parte del 'Ensayo Sobre el Conocimiento' (Ensaio Sobre o Conhecimento), del filósofo cearense Raimundo de Farias Brito, para basar nuestra defensa de lo que la filosofía siempre ha anhelado y buscado: ¡El conocimiento de la verdad!

Palabras clave: educación; filosofía; conocimiento; Farias Brito

INTRODUÇÃO

A filosofia, cujas raízes remontam à Grécia, nasceu da curiosidade de indivíduos que, ao observarem o mundo, não encontravam nele a sua gênese, o seu criador, o famoso relojoeiro que teria dado corda a este “escândalo em vésperas de organização”. A respeito do nascimento da filosofia, Giovane Reale afirma que ela é uma criação peculiar do gênio grego e que nasceu na Grécia, mais especificamente antes nas colônias do que na própria mãe pátria. Citando-o diretamente, ele diz que “a 'filosofia', seja como indicação semântica (isto é, como termo lexical), seja como conteúdo conceitual, é uma criação peculiar dos gregos.” (Reale, 1993, p.11).

Com Sócrates, que abandonou as discussões naturalistas dos primeiros filósofos para se debruçar sobre o homem, suas dores e suas cicatrizes, notamos que a disposição daquele que faz filosofia — e, portanto, do próprio conhecimento — sempre foi a busca de uma estabilidade, de uma rocha firme na qual o ser humano pudesse se apoiar, se situar e se firmar na realidade. A essa rocha firme damos o nome de verdade, que foi e sempre será a meta de qualquer filosofia digna da alcunha de “mãe de todas as ciências”. Sendo a verdade a finalidade da filosofia, é necessário percorrer um caminho que a torne acessível: Esse caminho é o conhecimento!

Na filosofia, a relação entre conhecimento e verdade é tratada por diversas linhas e diversos pensadores, cada um(a) com a sua abordagem específica acerca das relações entre o conhecimento e a verdade. O conhecimento é visto como o “caminho” para a verdade em Platão, por exemplo, porque ele representa o esforço humano de mapear a realidade de forma rigorosa, saindo da mera opinião para a certeza. Através da dialética, por exemplo, o filósofo abandona as sombras das aparências para contemplar as

essências — a verdade imutável das coisas. Vê-se isso muito bem em Platão, que na sua Alegoria da Caverna, nos mostra o papel do conhecimento como liberdade da escuridão das trevas da ignorância, do conformismo e da comodidade.

Propomos, assim, analisar neste artigo, de modo muito preliminar e expositivo, como a questão do conhecimento e da sabedoria se apresenta hoje, especialmente no sistema universitário, que como defendemos, muito se desviou de seu objetivo primordial: formar seres humanos sábios e autônomos para a vida como um todo. Para esse fim, tomaremos como referência a reflexão daquele que é considerado um autêntico e original filósofo brasileiro, o cearense Raimundo de Farias Brito.

Raimundo de Farias Brito (1862–1917) foi um importante filósofo brasileiro, especialmente no Nordeste, reconhecido por sua profunda dedicação ao pensamento metafísico e à educação. Nascido em São Benedito, no Ceará, ele é frequentemente citado como um dos primeiros filósofos com um pensamento original do Brasil, sendo um divisor de águas na história do pensamento nacional, ao lado de Tobias Barreto, Silvio Romero e outros. Farias Brito destacou-se por combater as correntes materialistas e positivistas dominantes em sua época (final do século XIX e início do XX). Suas ideias principais incluem o espiritualismo, a filosofia do espírito, e teve como influências grandes nomes como Kant, Schopenhauer, Hegel e Espinosa.

Farias Brito, discípulo de nomes da famosa Escola do Recife, como Tobias Barreto (1875), também nos deixou um vasto acervo filosófico, fruto de suas experiências literárias, filosóficas e empíricas. Seu "Ensaio sobre o Conhecimento", especialmente nos conceitos de “pão do corpo” e “pão do espírito”, lança luz sobre a problemática da escuridão em que se encontra a universidade no Brasil, marcada pelo produtivismo acadêmico que inverte a ordem das coisas e tende a mecanizar e mercantilizar a sabedoria humana.

O conhecimento em Farias Brito

O Ensaio sobre o Conhecimento, do filósofo Raimundo de Farias Brito, é tido como o último escrito antes da morte do autor. No entanto, a sua importância só foi reconhecida muito tempo depois. A visão teosófica que o autor aborda no ensaio, por exemplo, recebeu uma série de críticas, inclusive por parte de alguns estudiosos do

filósofo cearense, que afirmaram serem os seus escritos frutos da falta de senso por parte do filósofo. Mas deixemos as análises subjetivas de lado e foquemos naquilo que realmente nos importa neste contexto: O conteúdo da obra!

No início de seu ensaio, Farias Brito começa a fazer uma descrição aparentemente carregada de hermetismos e misticismos, apontando para uma certa região cujo acesso é aparentemente dificultoso, impenetrável por natureza e um tanto reservado para homens de calibre. A este lugar nebuloso e altaneiro, o filósofo cearense dá o nome de *região da verdade e do mistério*. Para Farias Brito, a verdade não é um conjunto de fórmulas matemáticas ou factos científicos (como defendiam os positivistas da época). Para ele, a verdade é o próprio ser em sua essência.

Segundo Farias Brito (1917 p.3) esta região trata-se de uma “região impenetrável, região inconcebível; onde não há, nem dia, nem noite, nem terra, nem céu; nem trevas, nem luz; nem qualquer outra coisa, a não ser o Único inacessível à inteligência”. Farias Brito utiliza aqui um recurso muito comum na teologia mística e na filosofia profunda chamado teologia negativa.ⁱ Ao dizer que lá não há "nem dia, nem noite", ele está afirmando que essa região está além das dualidades. No nosso mundo material, tudo tem um oposto (bem/mal, claro/escuro, eu/outro). No "Único", todas essas divisões desaparecem. Ao dizer que não há "qualquer outra coisa", Farias Brito aproxima-se de conceitos como o Nirvana oriental ou o Uno de Plotino.

O filósofo cearense, de início, nos lança nessa região por ele indicada sem nos dar um pressuposto básico, visto que nem ele mesmo consegue descrever com fidelidade este lugar de mistérios insondáveis e impenetráveis, estacionando, então, em aproximar a nossa consciência da imagem descrita. Ele não nos dá um "pressuposto básico" ou uma definição técnica porque, para ele, a verdade absoluta não cabe em definições. Quando você define algo, você de alguma forma o limita.

Continuando o seu ensaio, Farias Brito insiste em apontar para conceitos e descrições que tentem nos mostrar quão estupendo e singular é este lugar de difícil acesso, mas de muitas recompensas. De difícil acesso pela nossa consciência - dadas as nossas limitações naturais - não podendo ela elevar-se a tal altura. De grandes recompensas, uma vez que atingir o pico do Everest - a região da verdade e do mistério, no nosso caso - é o sonho de qualquer aventureiro obstinado e dedicado. O mais curioso

nisso tudo é o que se segue dos blocos de texto de que o filósofo se usa para fazer o desenho da região dos mistérios, a saber, o fato de que, apesar de ser quase impossível o acesso a região da verdade e dos mistérios, é para ela que, como um imã *ad continuum*, o cearense se volta e se inclina, amiúde.

“Até aí certamente jamais poderá elevar-se nenhuma consciência humana. Bem o compreendo. Não obstante, é para aí que me sinto arrastado, em meu esforço pelo conhecimento, por uma atração irresistível.” (Brito, 1917, p.4). Farias Brito reconhece a nossa finitude: a consciência humana é limitada pelo cérebro, pelos sentidos e pelo tempo. No entanto, o homem possui um desejo de absoluto que não cabe na sua estrutura biológica. É o famoso paradoxo do conhecimento: sabemos que não podemos saber tudo, mas não conseguimos parar de tentar.

Observemos aqui algo que nos ajudará a conectarmos o ensaio do Farias Brito com o tópico da crise intelectual nas universidades, que será o tópico procedente: O autor nos mostra algo que é próprio do filósofo comprometido e digno da alcunha - a sede pela verdade - que nem sempre vem acompanhada de uma consequente saciação. Mesmo tendo diante de si a imensidão do problema, ele não faz como os cientificistas, que cortam o gigante em pedaços e escolhem dele, para estudo, apenas o dedo do pé. O Positivismo, por exemplo, inspirado por Comte e um dos principais objetos de crítica de Farias Brito, adota uma postura pragmática: ele não resolve o enigma da existência; ele simplesmente decreta que o enigma não deve ser perguntado.

Farias Brito enfrenta o problema, e, como bom filósofo que o é, e para ele se inclina, mesmo sem saber a exata complexidade dele, nem se é possível apreender o mausoléu que se impõe diante dele. Lembra-nos Ortega Y Gasset (2016), que na sua monumental obra “O que é Filosofia?” nos deu uma descrição singular da empreitada de todo bom filósofo e da filosofia mesmo: Filosofia é conhecimento do Universo, ou seja, de tudo quanto há, mas o filósofo - homem de carne e osso – se inclina para isso sem saber a real imensidão que é o problema, sem saber se ele pode alcançá-lo, muito menos se, em alcançando, ele poderá decifrá-lo, e pior, se a natureza do problema for decifrável, ou seja, se este conhecimento de tudo quanto há for, por natureza, apreensível ou alérgico a razões humanas.

Voltando para Farias Brito, ele continua, com uma expressão cuja sinceridade e grandeza intelectual é de se admirar: “O infinito me fascina e me penetra. E diante da luz que dele emana, sinto-me como que aniquilado, e tudo o mais se me afigura sem valor e como morto.” (Brito, 1917, p.4). Essa passagem de Farias Brito marca o ponto de transição entre a filosofia (como esforço intelectual) e a mística (como experiência direta). Aqui, ele descreve o fenômeno que os teólogos chamam de *mysterium tremendum et fascinans*: um mistério que ao mesmo tempo aterroriza e atrai. Aqui, duas grandes questões, de súbito, se nos apresentam: A primeira diz respeito ao fascínio pela verdade e pelo infinito, como ele descreve, e a segunda diz respeito ao contraste que é feito com as demais coisas do mundo, por assim dizer.

A experiência do filósofo é como uma faca de dois gumes. Ele aspira pela verdade, pela iluminação, pelo esclarecimento, e empenha-se com todas as suas forças para alcançar este objetivo. Em contrapartida, o flerte com o infinito, com a verdade e com o mistério lhe transforma de tal maneira que ele pode ficar um tanto insensível para as coisas do mundo. Farias Brito viveu essa dualidade paradoxal na própria pele. Sua obra foi, por muito tempo, um monólogo em um país (o Brasil da República Velha) que estava fascinado pelo progresso técnico e pelas soluções rápidas do Positivismo.

Explicuemos: Diante da grandeza que é o Universo, as coisas inerentes a ele e - no caso do filósofo - tudo aquilo que se pode conhecer, ocorre que as coisas da vida, o corriqueiro, o mundo em si e por si torna-se pequeno e irrelevante, indigno de ser objeto único de uma atenção mais demorada. Essa “insensibilidade para as coisas do mundo” não é um desinteresse arrogante, mas uma consequência ontológica: uma vez que o olhar se acostuma com o Sol (a Verdade), a caverna se “obsoletifica”.

“Pelo que observo em meu próprio pensamento, quando me esforço por descobrir a verdade, sob qualquer de seus múltiplos e variados aspectos, sou forçado a reconhecer que nenhum socorro me vem de fora.” (Brito, 1917, p. 6) Aqui nesta parte do ensaio, o autor demonstrará, indiretamente - visto que não dirá como diremos – como é a solidão do filósofo. A solidão do filósofo consiste em se fiar apenas em si mesmo e na sua razão para alcançar aquilo que se busca: O conhecimento da verdade. A razão é a sua única companheira, apesar de incerta, tateante e infiel, em alguns casos.

“Não é, pois, de estranhar que a maior parte dos que aspiram, ou poderiam aspirar ao conhecimento, sucumbam” (Brito, 1917, p. 6). Sucumbem porque é hercúleo o esforço comparado à recompensa. Sucumbem porque, diferente das ciências, cujo caminho da glória é mais curto, por assim dizer, a filosofia não possui uma glória certa, e talvez o filósofo morra sem nem sequer vislumbrar um feixe de luz dos holofotes da vitória. A missão mesma do filósofo é desapegar-se de toda pretensão humana e vaidosa para filosofar com um único comprometimento, que é o comprometer-se com a verdade, e não com A, B ou C.

Um filósofo comprometido com as coisas do mundo, cheio de contatos estratégicos, de pessoas para agradar e de relações para manter, muitas vezes às custas de sua sinceridade e busca pela verdade não é um filósofo no sentido originário do termo, antes sendo um político, um líder de um movimento, um defensor de alguma causa social... mas não um filósofo. Se se faz filosofia com objetivos puramente pragmáticos, então deixou-se de ser filósofo para tornar-se uma espécie ruim de sofista.

“Sou, contudo, uma consciência. E se a consciência, como já disse, tem por objetivo a verdade, é meu dever procurar a verdade. Trabalhar, pois, neste sentido, trabalhar, trabalhar sempre - tal é o meu destino.” (Brito, 1917, p.7). Nota-se aqui, mais uma vez, a missão intelectual de peso que assume “de peito erguido, impoluto e passo forte” - como no refrão do hino da cidade de Farias Brito – CE, cujo nome homenageia o filósofo - o filósofo ou aspirante a filosofia. Sabendo desde o princípio que a filosofia, já em sua etimologia, convida e convoca o filósofo a ser um amante da sabedoria, sob pena de não ser plenamente filósofo, ele abraça a missão e segue em frente, buscando a verdade sem mapas e bússolas.

Esta parte inicial do ensaio, se segue com mais aventuras metafísicas do Farias Brito, que nos ajudam com uma transição importante que ele mesmo fará, apontando, inclusive, a missão que ele trouxe para si em todos os seus escritos, a saber “[...] no esforço pela interpretação do verdadeiro sentido da existência; o que equivale a dizer que se resolve no esforço pelo estabelecimento de uma filosofia do espírito[...]

(Brito, 1917, p.7)

Neste ponto, o autor nos coloca como na antessala do Everest, com a sua definição de filosofia como atividade permanente do espírito humano e com os seus

conceitos de pão do corpo e pão do espírito, que merecem um pequeno tópico à parte. Os conceitos nos servirão de adubo para a fermentação intelectual que chegaremos com a questão das universidades, visto que só se pode falar de uma crise se mostrarmos a “anticrise”, a estabilidade anterior.

A filosofia como pão do espírito.

Nesta parte do texto, em que Farias Brito começará por fazer uma crítica ao positivismo e aos seus adeptos insensatos e papagaios repetidores de fórmulas prontas e acabadas, o autor também nos assentou no terreno mesmo da filosofia alertando sobre a incapacidade do método científico - aplicável ao recorte e aos acidentes das coisas - ser aplicado a filosofia, cujo objeto de estudo é a essência. Segundo as palavras do próprio filósofo: “Pretender, porém, fundar filosofia à porta dos laboratórios, com observação de balança ou outros quaisquer processos de aparelhos mecânicos, seria uma loucura.” (Brito, 1917, p.10)

Já se endereçando para a definição de filosofia, que é o que nos interessará neste tópico, Farias Brito retomará a posição dos clássicos quando dirá que “O homem é dotado de tendência natural e espontânea para o conhecimento. Pode-se mesmo dizer que essa tendência é o seu destino próprio, ou pelo menos o seu destino mais alto.” (Brito, 1917, p.10) Demorando um pouco nesta sentença, pode-se até mesmo retomar o que ele havia dito no começo do ensaio, acerca da sua inclinação natural para o desconhecido... a região da verdade e do mistério.

Esta tendência por conhecer, por saber mais, por desvendar os mistérios do mundo pessoal e até mesmo do mundo físico, que era o que faziam os nossos amigos fisicistas, é o pressuposto básico para se chegar à sabedoria. A sede não necessariamente será saciada, pois o dragão que se deseja abater (o conhecimento de todas as coisas) é maior e mais forte do que as armas de que o homem dispõe (sua mera razão errante). Filosofia, portanto, é atividade permanente do espírito humano, nas palavras de Farias Brito. É o espírito em curso, em movimento constante, ascensional e objetivo, diferente da ciência, que é o resultado da filosofia, por assim dizer. “A filosofia vem a ser o espírito mesmo, investigando o desconhecido; o espírito mesmo, indagando da verdadeira significação da realidade e esforçando-se por elaborar o conhecimento.” (Brito, 1917, p.11)

Vale ressaltar que a atividade filosófica, em sendo permanente, universal e sem compromissos que não sejam os concernentes a verdade e a sabedoria, não possui um fim, no sentido de que acaba, que atinge um platô e que dará lugar a ciência - a sua salva-vidas. Vale lembrar que a filosofia é a mãe de todas as ciências, e em assim sendo, todas as vaidosas ciências devem reverenciarem – ou antes respeitarem - o útero que as gestou. Enquanto houver problemas, vida, homem, natureza, alma e racionalidade, o homem fará filosofia, visto que o filosofar, como o conhecimento, é próprio de sua natureza questionante, inconformada e sedenta pela verdade.

Chega-se aqui ao cume de nossa primeira parte, em que daremos por erguidas as bases sobre as quais assentaremos nossa crítica à condição intelectual das universidades brasileiras, em especial nos cursos de filosofia, que é o campo em que atuamos. Para isso, alguns conceitos de Farias Brito virão ao nosso socorro. São eles: Pão do corpo e Pão do Espírito. Para discorrer sobre estes conceitos, nosso autor utilizou a metáfora da nutrição, apontando para o nutriente necessário para cada setor, por assim dizer, de nosso ser. Existe um nutriente para o corpo, que é o pão, é um nutriente para o espírito, que é o conhecimento.

Farias Brito dirá então que o nutriente está para o corpo assim como o conhecimento está para o espírito, sendo o conhecimento, portanto, a vitamina necessária de nosso espírito. “E esta proporção importa apenas no conhecimento deste fato incontestável: que o espírito precisa de conhecer, nas mesmas condições que o corpo ou o organismo precisa de nutrir-se.” (Brito, 1917, p.16). O que se segue da seguinte passagem de nosso grande filósofo é uma consequência que podemos tirar sem muito esforço, bastando que olhemos para algumas pessoas e conversemos alguns minutos com elas: As pessoas estão desnutridas em matéria de sabedoria! É claro que a fome no nível da matéria devasta muitas famílias pelo mundo, mas a fome espiritual, que também tem a sua importância, é uma pandemia mundial, que acomete homens, mulheres, adolescentes e crianças de todos os continentes.

Apontar para o conhecimento e elevar-se para ele é condição *sine qua non* para sobrepujar as condições que muitas vezes afundam o homem nos pântanos da ignorância e da desesperança. Sua vida, como a do prisioneiro da caverna platônica, é um constante tropeço em rochas e encontros testa-parede, devido a obscuridade em que se encontra o seu espírito. O espírito, sedento e desnutrido, anda tateando e tropeçando por falta de nutrientes básicos. Farias Brito não destaca o nível dos nutrientes, mas nos fala do espírito faminto. Sem forças para seguir adiante, sem recursos para deles se utilizar e

sem meios para se situar, o homem devaneia e segue por todos os caminhos, sem nem mesmo saber aonde se quer chegar.

Farias Brito nos dá uma resposta acerca da condição em que alguns homens se encontram quando, por exemplo, não há por parte deles uma inclinação para o conhecimento, para um cuidado mais apurado da vida do espírito, qual seja, nem todos têm espírito, e por isso, para eles, cuidar das coisas referentes ao corpo é o suficiente, e nada mais importa. Como ele mesmo diz, corpo, todos temos, mas espíritos, são poucos os que possuem: “E aqueles que o não possuem, embora sejam vivos, não têm que cogitar senão da vida do corpo.” (Brito, 1917, p.17).

E ainda: “Nem se compreende que tenham de trabalhar pela conservação e desenvolvimento do espírito, pois seria trabalhar pela conservação e desenvolvimento do que não possuem.” (Brito, 1917, p.17). Podemos interpretar esta sentença problemática de nosso filósofo da seguinte forma: Para algumas pessoas, as coisas referentes ao intelecto e ao espírito, como da verdade e da transcendência, não lhes atraem naturalmente. Para alguns sujeitos, as coisas do mundo e tudo o que referir-se ao trato mais apurado com os negócios chamam mais atenção, dão mais prazer e recompensas a curto prazo.

Numa sociedade cuja visão que mais se apregoa é a do utilitarismo, não é de se estranhar que a filosofia, a teologia e grande parte do ramo das ciências humanas tendem a ser descartados e postos num “modo não perturbe”, visto não colaborarem, como usualmente pensam os utilitaristas, para o acúmulo de riqueza e de bens materiais. A visão materialista tomou conta dos corações e espíritos das pessoas, e até mesmo aquilo que creem fazerem sem grandes pretensões materiais, possui já setado desde o princípio uma utilidade prática, um fim palpável a que chegar. Nesse estado de espírito, o homem perde a capacidade de agir por dever, por amor ou pela simples beleza da verdade. Tudo então passa a ser filtrado pela pergunta: *“O que eu ganho com isso?”*

Para Farias Brito, esse materialismo é o sintoma de uma alma que se exilou de si mesma. Quando o indivíduo só busca o “fim palpável”, ele está mergulhado no que o filósofo cearense chamava de mundo dos fenômenos, ignorando a realidade do espírito. Para ele o materialismo é uma concepção teoricamente absurda porque, ao pretender reduzir toda a realidade exclusivamente à forma exterior (corpos) e negar o espírito, cai em uma contradição insuperável. Ele argumenta que o próprio ato de afirmar ou negar

qualquer coisa exige o reconhecimento de si próprio como espírito, uma vez que só uma consciência pode afirmar ou negar.

O espírito não é somente a base do edifício do pensamento, o princípio dos princípios: é também fato que resiste a toda a dúvida, verdade que desafia o capricho mais desordenado dos céticos. E negá-lo é coisa que, só por si, envolve absurdo, porque negar é ato da consciência e a consciência é fenômeno do espírito. Negar o espírito é negar-se, e negar-se é dizer: eu sou e não sou. O espírito é, pois, o princípio dos princípios e a verdade das verdades, o fundamento de toda a realidade e a base de todo o conhecimento. (Brito, 2006, p.87)

No mundo pós-moderno e pós-revolução industrial, a materialidade é uma engrenagem eficiente na roda do maquinário humano. Liga-se ao útil o agradável, e finda-se por achar que só é agradável o que é útil. A pergunta mais insensata que se pode fazer em filosofia é: Filosofia para quê? A tentativa de resposta a esta pergunta, nada mais fará do que dizer a utilidade da filosofia em termos práticos, e ela não se limita a isso. E é claro que pode ser que a filosofia sim, seja muito útil; utilíssima, inclusive, para libertar o homem da ilusão do utilitarismo em si e por si.

A analogia do pão do espírito é de fundamental importância para se entender o tópico a seguir, que será o cume do KGB, o topo do Everest que viemos buscando a duras penas desde o começo. Para analisar a questão intelectual de uma época, faz-se necessário antes analisar-se o que é o conhecimento, quais são os seus pressupostos e finalidades. Se há uma crise, intui-se que houve um desvio de rota. Poderíamos dizer então que toda crise anuncia ou prenuncia um desvio, seja ele de caráter intelectual, que é o nosso caso, moral, econômico, emocional, psicológico, material etc.

A crise intelectual na perspectiva de Farias Brito

Há de um lado o poder público, o parlamento, o governo, em uma palavra, as corporações políticas, e nisto consiste a ordem jurídica; há, de outro lado, o livro, a propaganda, o ensino, além das corporações filantrópicas e daquelas que fazem da educação e do ensino o princípio e a essência da virtude; e nisto consiste a ordem moral. De uma e outra coisa nasce a lei: da ordem política, a lei jurídica; da ordem filosófica ou, mais precisamente, da ordem religiosa, a lei moral. E digo ordem religiosa porque em verdade filosofia, educação e ensino, como filantropia e caridade, tudo isto é religião. (Brito, 2012a, p. 10).

A crise intelectual, na perspectiva de Farias Brito, pode ser compreendida então como um reflexo da decadência e do esgotamento do pensamento voltado exclusivamente para o plano material, característico do positivismo, do evolucionismo

e do mecanicismo do século XIX. O filósofo cearense expressou sua dor pessoal diante da estupidez humana, e seu sofrimento e revolta eram aspectos probatórios de sua autêntica busca teosófica. Sua obra constituiu uma defesa vigorosa da filosofia, que ele via como a atividade permanente do espírito, e se empenhou na demolição do Positivismo, criticando as formas materialistas que resultavam em uma era de ceticismo e cinismo. A rejeição inicial de suas ideias contemplativas, atribuídas por alguns a uma "perda de bom senso", revelava a brutal estreiteza da mediocridade organizada em seu tempo. Farias Brito criticava veementemente a limitação do conhecimento à experiência de laboratório, subordinando todo o saber ao critério exclusivo do peso e da medida, uma característica do materialismo cientificista.

Em *A finalidade do mundo – Tomo I*, Farias Brito (2012a) entende que a metafísica, ou filosofia primeira, precede toda a educação, e por isso, mesmo os que rejeitam a filosofia, são governados por algum tipo de metafísica. A religião faz a educação do povo, por meio da autoridade, obediência, virtude e santidade. A crença e a educação moral foram a vontade humana, que por meio do progresso intelectual diminuem progressivamente a visão sobrenatural sobre o mundo. Ao mesmo tempo, uma anarquia intelectual é criticada por Farias Brito, sendo necessário rever os aspectos formativos humanos.

No contexto brasileiro de sua época, Farias Brito criticava a anarquia intelectual e o atraso filosófico, exemplificado pela persistência de indivíduos que repetiam ingenuamente a velha frase positivista: "Só há um princípio absoluto: é que tudo é relativo" (Brito, 1917, p. 8). Ele defendia que a filosofia (ou "ordem filosófica/religiosa") e a educação eram essenciais para a ordem moral, mas com o declínio do sentimento religioso (o catolicismo, que ele considerava morto), o país ficava sem alicerces morais. Retirada a religião e sendo a filosofia "inteiramente nula" no Brasil, o que restava para ordenar a sociedade era a "cobiça desenfreada, o interesse absorvendo todas as aspirações, o dinheiro constituído único ideal". A filosofia de Farias Brito, portanto, fundamentava-se na preocupação com o conhecimento de si como espírito ou consciência, buscando reverter essa crise ao estabelecer uma filosofia do espírito, que é, segundo ele, a "coisa em si" e o ser verdadeiro de todas as coisas.

A filosofia de Farias Brito fundamenta-se na preocupação com o conhecimento de si como espírito ou consciência, na formação humana

e participação no mundo, baseando nos seus princípios éticos e morais e sua própria existência. Assim, a sua filosofia discute a formação da essência do homem e o conhecimento de si, procurando saber sobre a consciência e a necessidade do nosso papel no mundo.” (Lima, 2003, p. 153)

Nesse sentido moral, a crise intelectual, na perspectiva de Farias Brito, pode ser compreendida como um reflexo da decadência e do esgotamento do pensamento voltado exclusivamente para o plano material, característico do positivismo, do evolucionismo e do mecanicismo do século XIX. Tocqueville, em *A Democracia na América*, observa que a secularização nas democracias tende a levar ao materialismo. Quando o ensino perde sua dimensão espiritual, ele foca exclusivamente no "bem-estar material". Isso cria uma crise no ensino por que a educação passa a servir apenas ao mercado de trabalho, negligenciando a formação do cidadão e da alma. “Se os homens conseguissem algum dia contentar-se com os bens materiais, é de crer que perderiam pouco a pouco a arte de produzi-los e que acabariam por desfrutá-los sem discernimento e sem progresso, como os animais.” (Tocqueville, 2005, p. 178).

O filósofo cearense expressou sua dor pessoal diante da estupidez humana, e seu sofrimento e revolta eram aspectos probatórios de sua autêntica busca teosófica. Sua obra constituiu uma defesa vigorosa da filosofia, que ele via como a atividade permanente do espírito, e se empenhou na demolição do Positivismo, criticando as formas materialistas que resultavam em uma era de ceticismo e cinismo. A rejeição inicial de suas ideias contemplativas, atribuídas por alguns a uma "perda de bom senso", revelava a brutal estreiteza da mediocridade organizada em seu tempo. Farias Brito criticava veementemente a limitação do conhecimento à experiência de laboratório, subordinando todo o saber ao critério exclusivo do peso e da medida, uma característica do materialismo cientificista.

A crise se manifestava no desvio da intelectualidade de seu propósito mais elevado, ilustrado pela crítica à superficialidade do conhecimento. Farias Brito definia a filosofia não como algo que termina ou é substituído, mas sim como o conhecimento em via de formação, que precede e excede as ciências (filosofia supercientífica). A filosofia é o espírito investigando o desconhecido. Contudo, a intelectualidade da época, e por extensão a crise nas universidades contemporâneas, inverte a ordem das coisas, reforçando uma tendência mercantilista e bancária da educação.

Por fim, apesar de muito criticado, houve também um direcionamento pampsiquista e panteísta em Farias Brito, crítico ao ecologismo de Haeckel, que ele via como uma herança dogmática de Tobias Barreto, mas que pode ser retomado de certa forma, tanto numa via ateísta, como uma

[...] independência de espírito que o elevou acima dos preconceitos da filosofia moderna e lhe deu forças para reagir: a) contra as tendências que enfeitiçavam muitos pensadores de valor; b) contra Kant, Comte e Spencer; c) contra os preconceitos antimetafísicos do Positivismo e do Pragmatismo. (Lima, 2003, p. 404).

Passemos então ao apanhado geral deste ensaio, dentro das vertentes de manutenção da cultura filosófica e da ciência do espírito.

Considerações Finais

A independência de espírito de Farias Brito permitiu-lhe reagir vigorosamente contra as correntes dominantes. Sua reflexão se concentra na filosofia do espírito, que ele identifica como a "coisa em si" e o ser verdadeiro de todas as coisas. A esse respeito, o filósofo buscou estabelecer a autonomia da Psicologia (ou ciência do espírito), combatendo a tentativa de reduzi-la a um mero capítulo da fisiologia ou a fenômenos mecânicos (psicofísica).

No contexto dessa metafísica naturalista, é notável que Brito incorporou visões com coloração panteísta em suas primeiras obras, à maneira de Spinoza, e desenvolveu uma concepção onde a alma e o corpo são duas faces inseparáveis de uma só coisa. Essa perspectiva, por vezes interpretada como pansiquismo panteísta, colocou-o em oposição ao monismo de Haeckel (1877), Brito criticava a concepção de ecologia de Haeckel por impor um mecanismo e ignorar a parte do sentimento nos fenômenos, o que revela uma deficiência na intuição, que ele encontra em Bergson um caminho.

A contraposição da obra de Brito com o contexto da filosofia na época se constituiu como uma reação contra Kant, Comte e Spencer, e contra os preconceitos antimetafísicos do Positivismo e do Pragmatismo. O filósofo buscava um conhecimento superior, fundamentado no princípio socrático do "Conhece-te a ti mesmo", visando a restauração do pensamento através de uma filosofia que servisse como base do sentimento moral e fosse o princípio gerador do ideal, e que desde a Grécia, até hoje, coloca a filosofia como princípio de autonomia e esclarecimento.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Tobias. **Ensaaios e estudos de filosofia e crítica**. Recife, PE: [s.n.], 1875.

BRITO, Farias. **A Base Física do Espírito**: História sumária do problema da mentalidade como preparação para o estudo da Filosofia do Espírito. 3. ed. Brasília: Senado Federal, 2006.

BRITO, Farias. **A Verdade como Regra das Ações**: Ensaio de filosofia moral como introdução ao estudo do Direito. 3. ed. Brasília: Senado Federal, 2005.

BRITO, Farias. **Ensaio Sobre o Conhecimento**. [S.l.: s.n.], 1917. Disponível em: www.FilosofiaEsoterica.com. Acesso em: 24 set. 2025.

BRITO, Farias. **Finalidade do Mundo**: Estudos de Filosofia e Teleologia Naturalista. Tomo I. Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, 2012a. (Edições do Senado Federal, v. 183-A).

BRITO, Farias. **Finalidade do Mundo**: Estudos de Filosofia e Teleologia Naturalista. Tomo II. Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, 2012b. (Edições do Senado Federal, v. 183-B).

BRITO, Farias. **O Mundo Interior**: Ensaio sobre os dados gerais da filosofia do espírito. 3. ed. Brasília: Senado Federal, 2006. (Edições do Senado Federal, v. 52).

CAVALCANTE, Kellison Lima. FARIAS BRITO, UM FILÓSOFO DO SERTÃO BRASILEIRO. In: ROCHA, Gabriel Kafure (Org.). **Sertão filosófico**: o ser-tao vai vir-à-mar.– Olinda: Livro Rápido, 2018.

HAECKEL, E. **Anthropogenie; oder, Entwicklungsgeschichte des menschen**. 3. umgearb. Aufl. Leipzig W. Engelmann, 1877.

LIMA, Ranulfo. **História Universal da Sabedoria**: Uma abordagem detalhada sobre os pensamentos dos principais filósofos antigos, medievais e modernos. 2º Volume. Recife: Nossa Livraria, 2003.

ORTEGA Y GASSET, José. **O que é Filosofia?**. São Paulo: Vide Editorial, 2016.

PLATÃO. **A República**. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

REALE, Giovanni. História da Filosofia Antiga, volume I: Das origens a Sócrates. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

TOCQUEVILLE, Alexis de. **A democracia na América**: leis e costumes. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 663 p

Submetido em: 16 /12/2025

Aceito em: 05/03/2026

ⁱ A teologia negativa é uma abordagem filosófica e teológica que defende que a essência de Deus (ou do Absoluto) é tão transcendente e infinita que está além da compreensão humana e da linguagem comum. Outra característica importante é a chamada via apofática, pela qual de Deus nada podemos afirmar, apenas convir o que ele não é, por exemplo, Deus não é humano, nem mal, ou seja, não tem características antropomórficas.